

Japonês dá a fórmula para novos créditos

BRASÍLIA — A abertura do sistema financeiro nacional para os bancos comerciais estrangeiros é a chave que poderá abrir os cofres dos bancos credores para liberarem dinheiro ao Brasil. A fórmula foi proposta pelo representante do Dai-Ichi Kangyo Bank, o maior banco do mundo, Shigeru Kubota. Segundo ele, este é também o objetivo de 200 bancos estrangeiros que mantêm escritórios de representação no país e que pela legislação bancária não podem abrir subsidiárias nem expandir suas atividades.

Kubota viaja para Tóquio neste final de semana para se reunir com o *board* do Dai-Ichi Kangyo Bank, cujos ativos somam 300 bilhões de dólares, cerca de duas vezes a dívida externa brasileira. "Vamos discutir as atividades do banco e possibilidades de investimento, inclusive no Brasil. Mas, por enquanto, não podemos fugir dos planos, pois precisamos atuar com maior desenvoltura no mercado brasileiro", disse Kubota.

O Banco Central poderia, de acordo com Kubota, regulamentar normas de convivência pacífica entre os bancos estrangeiros e brasileiros. "Gostaríamos de abrir agências no país, atuar em todos os ramos da atividade financeira e dessa forma acelerarmos a liberação de dinheiro novo ao Brasil na forma de empréstimos para o acerto das contas externas do país ou investimentos diretos", afirmou ele.

Laços antigos — Kubota mantém muitos laços com o Brasil. Sua esposa é brasileira, da colônia nipônica, e ele já viveu no país há 10 anos, quando trabalhou no Banco de Investimento do Brasil (BIB), do Unibanco. O Dai-Ichi Kangyo Bank detém 10% do capital do BIB e a função de Kubota era a de contatar empresas multinacionais japonesas instaladas no país e interessadas em abrir linhas de crédito. Retornou ao Japão alguns anos depois e atuou no departamento internacional do DKB até 1986, quando assumiu o posto de representante-chefe do escritório do banco no Brasil.

O DKB, segundo Kubota, tem interesse em investir em indústrias e nos projetos de conversão de dívida, principalmente na troca de títulos por exportações brasileiras, mas nada disso, acredita, irá resolver o problema da dívida externa do país. "A única resposta é estabilização da economia com a adoção de instrumentos ortodoxos, seguindo as receitas do FMI, não há outra saída", afirmou.

"É enganoso pensar que nós queremos apenas receber nosso dinheiro de volta, pois na verdade o objetivo é apoiar um país que tem todas as possibilidades de se tornar grande e desenvolvido", afirmou Kubota.